



Os diamantes que os garimpeiros não encontraram: histórias da formação dos professores (de Matemática) em uma região de garimpo

Eliete Grasiela Both

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp
Brasil

eliete.both@bag.ifmt.edu.br

Ivete Maria Baraldi

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp
Brasil

ivete.baraldi@unesp.br

Resumo

O presente artigo é um recorte de uma pesquisa de doutoramento que está investigando a formação de professores (de Matemática) em uma região, surgida do garimpo de diamantes, formada pelos seguintes municípios: Araguaiana, Barra do Garças, Pontal do Araguaia e Torixoréu, no estado de Mato Grosso e Aragarças e Baliza, no estado de Goiás. O recorte temporal abrange da década de 1920 (início do garimpo e povoamento urbano no local) à de 1980 (criação da Universidade Federal de Mato Grosso em Barra do Garças). Utilizando a metodologia da História Oral, cotejamos fontes orais, por nós produzidas, e demais fontes disponíveis, construindo narrativas históricas sobre características da Educação Matemática na região citada. Até o momento, realizamos nove entrevistas com professores que atuaram em Aragarças, Araguaiana, Barra do Garças e Torixoréu, e pesquisa documental em algumas escolas. Pelo desenvolvimento destas ações está sendo possível conhecermos aspectos da formação docente no local.

Palavras chave: História Oral, formação docente, região de Barra do Garças.

Introdução: os primeiros diamantes por nós encontrados

Em nossa pesquisa de doutoramento estamos à procura de grandes diamantes que juntos comporão o tesouro que pretendemos formar, nossa tese. Fazendo uma analogia com o garimpo, pois nosso trabalho será desenvolvido em uma região que é oriunda do garimpo de diamantes às margens de dois grandes rios, Garças e Araguaia, nos estados de Goiás e Mato Grosso (Brasil), os diamantes por nós procurados são as histórias sobre a formação dos professores (de Matemática). A região, a qual nos referimos, compreende quatro municípios mato-grossenses e dois municípios goianos e é conhecida pelos moradores locais como região de Barra do Garças.

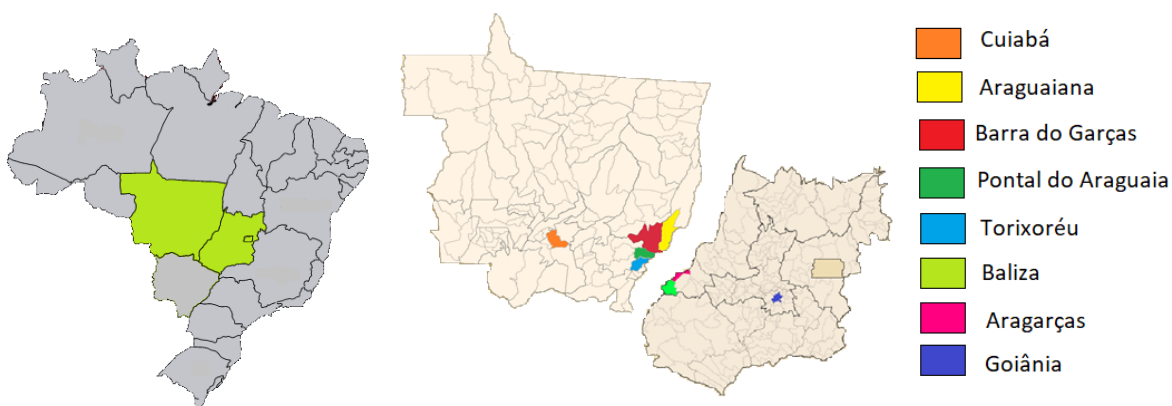
Durante nossas escavações, antes de encontrarmos os grandes diamantes que tanto desejamos, fomos encontrando outros tantos diamantes que foram nos animando e indicando o caminho para a composição de nosso tesouro. Esses diamantes são os resultados das escavações prévias que realizamos, que nos ambientaram com o cotidiano da garimpagem e nos ajudaram a compreender como devíamos estruturar a busca dos diamantes maiores, que eram nosso principal objetivo.

Para isso, estamos nos valendo da metodologia da História Oral (a qual é um método e também uma perspectiva de pesquisa), por meio da qual constituímos um cotejamento entre as fontes orais, por nós produzidas a partir de entrevistas com professores que ensinaram matemática no período enfocado, com outras fontes documentais e bibliográficas, de modo que seja possível escrever uma história (ou histórias) da formação dos professores (de Matemática), na região de Barra do Garças.

Dessa maneira, queremos esclarecer que a parte do tesouro que aqui apresentamos é um pequeno lote de nossa garimpagem que está sendo desenvolvida, onde queremos mostrar algumas faces dos grandes diamantes já encontrados, ou seja, esboçarmos alguns aspectos que percebermos, até o momento, sobre a formação docente na região.

Nosso Garimpo

Nossa região de garimpagem é formada por seis municípios de emancipação relativamente recente, e características peculiares. Todos se originaram do garimpo de diamantes, sendo que a região nesse período inicial era formada por apenas três municípios, situados às margens dos rios Araguaia e Garças: Araguaiana, que originou Barra do Garças, Torixoréu, do qual se desmembrou Pontal do Araguaia, e Baliza, da qual Aragarças é oriunda (Figura 1).



*Figura 1. Região da Pesquisa*¹.

Conforme Valdon Varjão (2000), historiador regional, a história dessa localidade pode ser dividida em quatro fases principais. A fase garimpeira, que teve seu apogeu de 1924 a 1942, período no qual um grupo de garimpeiros se instalou na região na busca por diamantes, foi a

¹ Os municípios de Cuiabá e Goiânia não participam da pesquisa, mas por serem as capitais dos estados de Mato Grosso e Goiás, respectivamente, estão destacados no mapa como forma de referência de localização.

primeira delas. Esses trabalhadores construíram as primeiras casas e abriram algumas ruas, dando início aos povoados de Barra Cuiabana (atual Barra do Garças) e Barra Goiana (atual Aragarças), em margens opostas dos rios Garças e Araguaia, nos municípios de Araguaiana – MT e Baliza – GO, respectivamente.

A Fundação Brasil Central – FBC assumiu o protagonismo da segunda fase, 1943 a 1964. Conforme Varjão (1980, p.62), nessa época os municípios do oeste goiano e leste mato-grossense, nossa região de estudo, com destaque para Aragarças, foram custeados por essa fundação, a qual foi instituída pelo Ministro João Alberto e instalada em Aragarças em agosto de 1943 e a partir de então “dominou econômica e politicamente o Brasil Central, trazendo um afluxo de progresso e melhoramento à região, importando novos costumes, e até mesmo uma civilização aprimorada”.

A terceira fase se refere aos projetos de incentivos fiscais que marcaram o período entre 1965 e 1973. Varjão (2000) relata que os projetos Sudam e Sudeco incentivavam as empresas que se instalavam na região, criando oportunidades de emprego e atraindo grandes grupos financeiros.

A migração e a colonização gaúcha marcam a quarta fase histórica da região, período entre 1974 e 1985. Essa fase

[...] pode ser considerada o passo decisivo da implantação da agricultura de nível extraordinário. Foram criadas cooperativas para imigrar colonos gaúchos para a região, com o objetivo de implantar a agricultura. Foi introduzida a tecnologia no trabalho da terra, com grandes áreas plantadas. Ao longo dos anos, a pecuária moderna foi sendo introduzida e incentivada. (Varjão, 1985, p.85).

A partir disso, tomando como referência as fases destacadas por Varjão, decidimos o período sobre o qual iríamos nos debruçar em nosso processo de garimpagem: a partir da década de 1920, quando iniciou a fase garimpeira na região de Barra do Garças, implicando no surgimento dos primeiros conglomerados urbanos, até a década de 1980, quando foi instituído um campus da Universidade Federal de Mato Grosso no município de Barra do Garças.

Metodologia: os diamantes que fazem brilhar o caminho

Para o desenvolvimento de nossa garimpagem estamos nos deixando guiar por um tesouro de diamantes valiosíssimos, que nos ajudam a encontrar o caminho na busca do nosso próprio tesouro. Não podemos nos apropriar desses diamantes, pois eles são um tesouro público, mas podemos usufruir de seu brilho e pretendemos ajudar a aumentá-lo.

Esse tesouro é a metodologia de pesquisa na qual nos estruturamos, no caso, estamos nos valendo da metodologia da História Oral. Entendemos que, por meio dela, é possível elaborarmos versões históricas para nosso objeto de pesquisa, com uma amplitude diferenciada, nos valendo dos depoimentos de nossos colaboradores, bem como, de fontes escritas, áudios, vídeos, ou outras que consigamos encontrar. Pretendemos sempre o cotejamento entre tais fontes, pois não as entendemos como opostas, mas como complementares, pois, conforme Albuquerque Jr. (2007, p.230), “haverá sempre um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de textos”. Com os depoimentos, constituímos narrativas que são o suporte para o desenvolvimento da pesquisa e, assim, por meio destas, com o auxílio das demais fontes, é possível analisar nosso foco de interesse. É importante ressaltarmos que não nos

valemos de diversas vertentes buscando uma checagem ou validação de informações e sim como possibilidade de “complementação, esclarecimento, compreensão de perspectivas e possibilidades” (Baraldi, 2003, p. 218).

Ao escolhermos a História Oral não temos uma metodologia “fechada”, pois em todo momento a questionamos, avaliamos e testamos, buscando encontrar possibilidades, restrições e respaldo das ações que desenvolvemos, portanto, é “entremeada por reflexões, sistematizações, aproveitamentos e abandonos: uma antropofagia” (Garnica, 2013, p. 35).

Um dos aspectos mais marcantes da História Oral consiste na produção intencional de fontes históricas, por meio das narrativas constituídas a partir das entrevistas. Para a criação dessas fontes foram considerados alguns procedimentos, que iniciaram na escolha do tema, o que levou à busca de bibliografias e leituras relevantes ao desenvolvimento do trabalho, e trouxe, possibilidades de colaboradores, os quais estão sendo escolhidos relativamente ao envolvimento, direto ou indireto, com o objeto de estudo. É prática comum no Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática – Ghoem, do qual somos membros, os depoentes serem escolhidos pelo critério de rede, em que um depoente indica nomes de outros possíveis colaboradores, que possam auxiliar no processo de constituição de fontes, em nossa pesquisa, em alguns momentos, estamos nos valendo deste critério também.

Depois da escolha dos possíveis depoentes, fazemos um primeiro contato explicando a pesquisa a ser realizada e solicitamos a colaboração. Análises iniciais do assunto, sobre os colaboradores e acerca do que se pretende com cada um, possibilitaram a elaboração dos roteiros e ofereceram um nível prévio de embasamento no momento das entrevistas. O roteiro, ou os temas norteadores do roteiro, podem ser enviados antes da entrevista àqueles que aceitaram participar, isso auxilia na rememoração, e, ainda, na procura de materiais que possam ser válidos à pesquisa. O roteiro serve como um balizador durante a entrevista, porque embora possam ser realizadas as mesmas perguntas, as entrevistas dificilmente seguem um mesmo rumo, uma vez que o entrevistado é o protagonista da direção que cada uma segue.

Após a realização das entrevistas segue-se o próximo ciclo, a transcrição, que é o registro escrito do que foi gravado em áudio, depois disso, textualizamos a entrevista, momento em que são removidos alguns vícios de linguagem e repetições buscando uma maior homogeneidade do texto, neste momento a ordem cronológica ou temática também pode ser revista, procurando um melhor atendimento ao objeto estudado. É importante que mesmo após algumas falas serem suprimidas, o entrevistado se reconheça na narrativa final. As textualizações são, basicamente, desenvolvidas pelo pesquisador, logo, representam textos repletos de interpretações e vieses, sendo um movimento prévio de análise e diálogo entre entrevistador e depoente.

Finalmente, de posse de ambos os textos, transcrição e textualização, retornamos aos depoentes para que estes possam verificá-los, essa conferência pode se dar apenas pelo entrevistado ou acontecer junto ao pesquisador. Após essa acareação e adotadas as alterações solicitadas, o depoente assina uma carta de cessão que permite, totalmente ou não, a publicação dos dados fornecidos.

Com a conclusão de todos os procedimentos descritos, tem início o último passo, que é a análise formal, propriamente dita, porque entendemos que a produção de informações, somente, não finaliza a pesquisa, devendo ser feito um arremate, uma interpretação do pesquisador, a partir do que se apresenta. Porém, fazer a análise não consiste em tecer julgamentos sobre os depoentes ou testemunhos, nem procurar verdades absolutas ou preencher completamente

lacunas, ela representa uma maneira de desenvolver uma nova narrativa relativa ao tema, partindo, para tanto, dos documentos encontrados, das entrevistas, memórias, presente e passado dos colaboradores e do pesquisador.

Agora que permitimos que o brilho dos diamantes que nos conduzem na busca por nosso tesouro fosse vislumbrado, ainda que de relance, iremos mostrar algumas pequenas faces entre as múltiplas (e talvez infinitas) faces existentes nos diamantes do tesouro que estamos compondo.

Histórias da formação dos professores (de Matemática) na região de estudo: os diamantes que procurávamos

Ainda não conseguimos completar as escavações que nos permitirão alcançar os diamantes tão almejados, mas já nos é possível contemplar o brilho de algumas de suas faces, o que pretendemos mostrar a seguir.

Como falado no início, o tesouro que buscamos são os grandes diamantes que os garimpeiros, pioneiros da região de Barra do Garças, não conseguiram encontrar. Esses diamantes que tanto queremos são as histórias da formação dos professores (de Matemática) que atuaram em nossa região de garimpagem, desde a década de 1920 até a década de 1980.

Para apresentar essas pequenas faces, iniciaremos pela composição estadual. Em Mato Grosso, a formação de professores, em nível superior, teve início tardio, relativamente aos estados brasileiros das regiões Sul e Sudeste. A Escola Normal e a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Cades) eram as únicas responsáveis pela formação docente no estado até meados da década de 1960 (Both, 2014). Conforme nossos depoentes, também em Barra do Garças, anteriormente à instalação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), na década de 1980, a formação docente ficava a cargo da Escola Normal, curso em nível de Magistério ofertado no Instituto Madre Marta Cerutti, uma das escolas pioneiras do município existente ainda hoje.

Em 1970 foi fundada, em Cuiabá, a UFMT e, a partir de meados da mesma década, iniciou-se um movimento de interiorização desta Universidade, cujo objetivo era expandir a formação docente para que os graduados pudessem atuar no cenário educacional mato-grossense. Isso ocorreu com a fundação de campus em municípios que, por algum motivo, eram polos no interior do estado.

Um dos municípios escolhidos foi Barra do Garças, onde foi criado, em 1981, o Centro Pedagógico de Barra do Garças (UFMT, 2015). Essa criação foi regulamentada pela Resolução 13/81, do Conselho Diretor da UFMT, e foram instituídos, pelo artigo 4º da mesma Resolução, três cursos: Licenciatura Curta em Ciências², Licenciatura Plena em Letras, e Educação Física, mas o último não chegou a ser ofertado à época (UFMT, 1981).

Esse curso de Licenciatura Curta em Ciências teve ingressos até 1987, momento em que

² As Licenciaturas Curtas em Ciências eram cursos voltados à docência de Matemática e Ciências, apenas para o Primeiro Grau, atual Ensino Fundamental II, e duravam dois anos. (UFMT, 1974). Estas foram instituídas com obrigatoriedade, em substituição às Licenciaturas Plenas em Matemática, Física, Química e Biologia, pela Resolução 30/74. (BRASIL, 1974). Quem desejasse lecionar para o Segundo Grau, atual Ensino Médio, deveria cursar uma Habilitação na área específica (Matemática, Física, Química ou Biologia), a qual tinha também duração aproximada de dois anos.

foi convertido em duas Licenciaturas Plenas, em Matemática e em Biologia³ (UFMT, 2015), conversão regulamentada pela Resolução 09/87 do Conselho Diretor da UFMT. Durante o movimento de transição entre as Licenciaturas Curta e Plena, os dois cursos existiram paralelamente, para que aqueles que iniciaram o curso de Ciências tivessem a oportunidade de concluí-los. Como alternativa, aos alunos que estavam cursando Ciências e quisessem migrar para um dos dois novos cursos, foi permitido fazê-lo sem passarem pelo processo de vestibular.

Após a instalação desse campus da UFMT, conforme Both e Both (2016), a formação de professores na região de Barra do Garças ficou majoritariamente a cargo desta instituição. Em nossa pesquisa de doutorado, estamos estudando a formação dos professores (de Matemática), na mesma região, no período que antecede tal feito, buscando compreender quais eram os processos formativos dos docentes que nela atuavam com a inexistência de oferta de formação, em nível superior, no local. A esse respeito, foi possível observarmos algumas particularidades tanto por meio da pesquisa documental que estamos desenvolvendo, quanto das entrevistas que realizamos.

Uma de nossas garimpagens, a pesquisa documental, foi realizada em algumas escolas da região, entre as quais se destaca a Escola Estadual Coronel Antônio Cristino Cortes, pioneira do município de Barra do Garças, que iniciou seus trabalhos em 1933 de maneira itinerante, ou seja, os professores ministravam aulas aos alunos em suas próprias casas. Esta passou a ter um espaço físico de funcionamento e uma diretora, Teresa Melo Bosaipo, indicada pelo prefeito Ladislau Cristino Cortes, em 1949. A partir disso, recebeu o nome de Escolas Reunidas Coronel Antônio Cristino Cortes. Seu prédio próprio foi construído em 1953, quando passou a ser Grupo Escolar Coronel Antônio Cristino Cortes.

Um meio primordial de garimpagem que faz parte de nossa busca pelo tesouro, é a realização de entrevistas com os professores (de Matemática) que lecionaram em nossa região e período de interesse. Por meio dessas escavações, estamos encontrando diamantes com múltiplas (talvez infinitas) facetas extremamente brilhantes.

Um dos caminhos que escolhemos garimpar nos levou ao professor Condeliz, que atuou mais efetivamente no município de Aragarças, Goiás, e sempre lecionou sem a formação específica exigida, à época o Curso Normal. Ele possui os cursos de Técnico em Máquinas e Motores, Técnico em Desenho Mecânico e Técnico em Contabilidade, mas estes não o habilitavam para exercer a docência. Chegou em Aragarças, em 1981, e foi convidado a lecionar no estado de Goiás, prestou uma prova para tal, mas, por não ter o curso Normal, pode concorrer somente para professor do Jardim de Infância⁴. No entanto, como a escola estava sem professor de Física e Matemática para lecionar no Ginásio⁵ e Segundo Grau⁶, foi contratado para o cargo, sob a responsabilidade da diretora perante a Secretaria de Educação do Estado. Ele cursou dois anos de Licenciatura em Matemática, mas, por problemas de saúde, acabou desistindo do curso.

Outra garimpagem nos apresentou à professora Enói, de Barra do Garças, que lecionou

³ O Conselho Federal de Educação (CFE), através da Resolução 05/78, revogou a obrigatoriedade de conversão de todos os cursos de formação de professores das áreas de Matemática, Física, Química e Biologia, para Licenciatura Curta em Ciências. (BRASIL, 1978). Desse modo, retornaram, progressivamente, as ofertas das Licenciaturas Plenas nas áreas específicas.

⁴ Nível correspondente à Educação Infantil.

⁵ Atual ensino Fundamental II.

⁶ Atual Ensino Médio.

exclusivamente de primeira à quarta série do Primário⁷, nível de ensino em que ministrava todas as disciplinas. Sobre a formação disponível na região em sua juventude, lembra que as opções de Segundo Grau eram Técnico em Contabilidade e o curso Normal. Tendo ela optado pelo último, começou a lecionar antes mesmo de concluir o curso. Lecionou por quinze anos apenas com essa formação, depois disso cursou Pedagogia, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Jales, no município de Jales, estado de São Paulo, curso em que os alunos permaneciam duas semanas, a cada dois meses, na sede da Universidade e o restante do tempo em suas próprias cidades.

Uma terceira escavação nos permitiu encontrarmos o professor Wanderlei, que reside no município de Aragarças e atuou durante toda sua carreira tanto ali quanto em Barra do Garças. Cursou Escola Normal, no município de São José do Rio Preto, estado de São Paulo, no Instituto Estadual de Educação Monsenhor Gonçalves. Não chegou a cursar graduação, tendo lecionado Matemática e outras disciplinas durante toda a carreira com os conhecimentos obtidos no curso Normal.

A quarta garimpagem nos apresentou duas professoras de Torixoréu. A primeira, professora Terezinha, começou a lecionar apenas com o curso Técnico em Contabilidade, mais tarde cursou o Magistério no próprio município, na Escola Estadual Arthur da Costa e Silva. Lecionou, durante quase toda a carreira, apenas com o Magistério. Quando estava prestes a se aposentar, cursou Pedagogia, em um curso de férias pelas Faculdades Unidas do Vale do Araguaia (Univar), em Barra do Garças. Foi professora de diversas disciplinas para o Primário, Ginásio e Segundo Grau, e de Matemática para a quinta e sexta série do Ginásio.

A segunda, professora Lenir, começou lecionar aos 15 anos, quando possuía somente o Primário. Cursou o Ginásio e mais tarde o Segundo Grau em Técnico em Contabilidade, durante os quais lecionava às séries anteriores à que estava cursando. Lecionou Matemática a todos os níveis do ensino básico. Depois de vários anos na docência, cursou Licenciatura Curta em Pedagogia, modalidade Parcelada, em Barra do Garças, curso ofertado pela Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT), no período do Mato Grosso Uno. Referências a esse curso haviam surgido na pesquisa documental realizada nas escolas e, também, na pesquisa de Gonzales (2017). Ainda não dispomos de maiores informações, mas estamos atentas a ele em nossa pesquisa. Mais tarde a depoente cursou a complementação para Licenciatura Plena em Pedagogia na Faculdade Auxillium de Lins, no município de Lins, estado de São Paulo.

Ainda estamos em processo de constituição de nosso tesouro. Mas já nos foi possível perceber que os diamantes que estamos encontrando são de grandes quilates, portanto, de altíssimo valor. Nosso tesouro tem grande potencial de exploração e composição de joias valiosíssimas, com múltiplas e infinitas combinações. Nesse sentido, até o momento, nos foi possível perceber que, assim como em outros trabalhos do Grupo de História Oral e Educação Matemática - Ghoem, grupo de pesquisa interinstitucional do qual participamos, em diversas regiões, devido a carência de formação específica, em nível superior, os docentes que atuavam na região de Barra do Garças, em nosso período de interesse, exerceram a profissão, em sua grande maioria, sem formações específicas. A garimpagem está em fase inicial e com certeza muitas outras faces dos diamantes que já visualizamos, dados acerca da formação dos professores que ensinavam matemática na região de Barra do Garças, ainda irão se mostrar em momentos futuros.

⁷ Atual Ensino Fundamental I.

Referências e bibliografia

- Albuquerque Jr, D. M. (2007) *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc.
- Baraldi, I. M. (2003) *Retraços da educação matemática na região de Bauru (SP): uma história em construção*. 2003. 241f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- Both, B. C. (2014) *Sobre a formação de professores de matemática em Cuiabá – MT (1960-1980)*. 402f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- Both, E.G.; Both, B.C. (2016) Um Olhar sobre a formação de professores de Matemática na região do Médio Araguaia mato-grossense. In: *Encontro Nacional de Educação Matemática*, XII ENEM, São Paulo, 2016. Anais... São Paulo – SP.
- Brasil. (1974, julhor) *Resolução nº 30*, de 11 de julho de 1974. Dispõe sobre o curso de licenciatura de Ciências e fixa o respectivo currículo mínimo. Conselho Federal de Educação. Disponibilizada pelo Departamento de Matemática da UFMT de Cuiabá.
- Brasil. (1978, junho) *Resolução nº 5*, de 15 de junho de 1978. Adia o prazo estabelecido pela Resolução nº 37/75 e para a obrigatoriedade da conversão em Ciências nos moldes da Resolução nº 30/74. Conselho Federal de Educação. Documenta, Brasília, (211).
- Garnica, A. V. M. (2013) *Cartografias contemporâneas: mapa e mapeamento como metáforas para a pesquisa sobre a formação de professores de Matemática*. Alexandria- Revista de Educação em Ciências e Tecnologia. Florianópolis, (6), n.1, 35 – 60.
- Gonzales, K. G. (2017) *Formar Professores que Ensinam Matemática: uma história do movimento das Licenciaturas Parceladas no Mato Grosso Do Sul*. 2017. 534 f. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru.
- UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso. (1974, dezembro) *Resolução do Conselho Diretor nº 82*, de 02 de dezembro de 1974. Cuiabá – MT. Disponível em: <<http://sistemas.ufmt.br/ufmt.resolucao/OpenResolucao.aspx?resolucaoUID=579&ano=1974&tipoUID=1>>. Acesso em: 23 mar. 2014.
- UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso. (1981, janeiro) *Resolução do Conselho Diretor nº 13*, de 27 de janeiro de 1981. Cuiabá – MT. Disponível em: <<http://sistemas.ufmt.br/ufmt.resolucao/OpenResolucao.aspx?resolucaoUID=1108&ano=1981&tipoUID=1>>. Acesso em: 12 abr. 2015.
- UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. (2015) *Campus Universitário do Araguaia - UFMT: histórico*. Barra do Garças. Disponível em: <<http://araguaia.ufmt.br/?pg=historico>>. Acesso em: 12 abr. 2015.
- Varjão, V. (1980) *Barra do Garças no Passado*. Brasília: [s.n.].
- Varjão, V. (1985) *Barra do Garças: Migalhas de sua História*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico.
- Varjão, V. (2000) *Janela do Tempo: Homenagem ao passado*. Barra do Garças: [s.n.].